



NESTA EDIÇÃO

FRENTE-A-FRENTE

Travão na subida das rendas arrisca matar mercado de arrendamento?

P. 2

REGULAÇÃO

Vitor Santos, ex-presidente da ERSE: “Ter estado no governo não é cadastro”

P. 3

COVID ZERO

Dados macro da China mostram efeitos da política pandémica

P. 6

PETIÇÃO

Exclusão dos bancários da meia pensão extra chega ao Parlamento

P. 7

ENERGIA

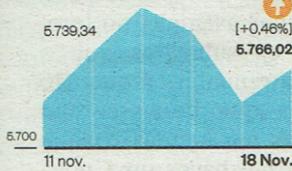
Futuro da Floene passa pelo hidrogénio verde

P. 8

MERCADOS

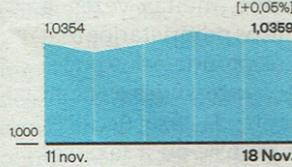
PSI20

Valores em pontos



EURO/DÓLAR

Valores em dólares



Fonte: Investing, Euronext

“Poucos países são mais anticapitalistas que Portugal”

Numa altura em que se discutem as alterações climáticas e quem deve pagar as suas consequências, Rainer Zitelmann, autor de “Em Defesa do Capitalismo”, considera que os países capitalistas são mais eficientes também no plano ambiental. E diz que Portugal é um dos países mais anticapitalistas e precisa de reformas **PP. 4-5**



Fomento tem novos administradores

A administração do Banco Português de Fomento vai incluir Pedro Ventaneira e Sofia Machado, que aguardam ainda a conclusão da avaliação obrigatória por parte do Banco de Portugal para serem nomeados em definitivo, apurou o NOVO

junto de fontes conhecedoras do processo. Pedro Ventaneira e Sofia Machado vão integrar a comissão executiva deste banco público, que é liderado por Ana Carvalho (CEO) e Celeste Hagatong (presidente do conselho de administração). Tiago Simões de Almeida e Rui

Dias, em funções desde Agosto de 2021, completam a comissão executiva. De saída estão Beatriz Freitas e Susana Bernardo. Fundado há dois anos, com o objectivo de apoiar as empresas nos seus projetos de crescimento, o Banco Português de Fomento tem sido alvo de críti-

cas devido à forma como tem funcionado. O Governo nomeou a nova administração com a finalidade de relançar o banco como instituição pública capaz de financiar a economia, sobretudo as empresas com dificuldades em se financiarem na banca. Última

ENTREVISTA

Rainer Zitelmann

Historiador e autor do livro "Em Defesa do Capitalismo"

Numa altura em que se discutem as alterações climáticas e quem deve pagar as suas consequências devastadoras, o historiador e autor germânico Rainer Zitelmann relembra a maior eficiência dos países capitalistas e reforça a falta de alternativas credíveis a este sistema. Portugal é um dos países onde as pessoas são mais anticapitalistas e "precisa de reformas", diz

“Poucos países são mais anticapitalistas do que Portugal”

João Barros

jbarros@medianove.com

O autor de "Em Defesa do Capitalismo" faz uma avaliação crítica das correntes anticapitalistas, sublinhando a diferença entre pobreza e desigualdade e o impacto que o capitalismo teve na redução da primeira. Em Portugal, urge políticas liberais que recoloquem o país a crescer como há 30 anos.

O que o levou a escrever este livro nesta altura? Acredita que era necessário fazer uma defesa do capitalismo?

Absolutamente. Actualmente, o capitalismo está sob ataque em todo o lado. Comparando com os anos 80 ou 90, por exemplo, vê-se a diferença. Houve reformas pró-mercado na China ou na Suécia e, comparando com hoje em dia, o capitalismo ou a economia de mercado está sob ataque nestes países, tanto nos Estados Unidos, como na Europa, como na maior parte dos países asiáticos. Ao discutir com vários anticapitalistas apercebi-me de que havia muitas objecções e argumentos contra - daí a ideia de escrever este livro. Outro

elemento foi o inquérito comissionado em 30 países sobre a imagem do capitalismo: queria perceber o que as pessoas em países diferentes pensam sobre o capitalismo ou o que não gostam nele. Não procuro com este livro convencer qualquer anticapitalista porque, da minha experiência, eles nem lêem estes livros.



O anticapitalismo é como uma religião política, actualmente. Isto é um problema porque não é baseado em factos”

Quais lhe parecem ser os principais motores desta mudança na percepção das pessoas sobre o capitalismo?

Há muitos motivos. O primeiro é que as pessoas esquecem e não têm conhecimentos de História. Dois exemplos: há umas semanas estive no Vietname, que era o país mais pobre do mundo após a guerra, que destruiu muito - e o socialismo também. O espírito empresarial lá é extraordinário e o progresso na qualidade de vida também. Nos anos 90, 80% da população vivia em pobreza; hoje em dia são 5%. Isto também é fruto das reformas económicas pró-mercado introduzidas no final dos anos 90. O mesmo é verdade na Polónia, que já foi o país mais pobre da Europa com socialismo e agora é o campeão do crescimento e da melhoria da qualidade de vida.

Que outro motivo lhe ocorre?

O outro motivo é que o anticapitalismo é como uma religião política, actualmente. Isto é um problema porque não é baseado em factos, mas sim em emoções. Na procura de um bode expiatório, pode-se culpar o capitalismo por tudo: alterações

climáticas, destruição ambiental, pobreza, fome, desigualdade, guerra... É preciso comparar realidades. Num dos meus livros anteriores comparei o Chile com a Venezuela, a Coreia do Sul com a Coreia do Norte, a Alemanha Oriental e a Ocidental; os anticapitalistas comparam utopias com realidades. Perguntando-lhes por alternativas ao capitalismo nos últimos 100 anos, a maior parte reconhece que não existem, mas, se falarmos sobre sistemas socialistas, dizem-me que não foram verdadeiramente socialistas. Isto é um problema.

Um aspecto que menciona é o facto de a poluição ser pior na Alemanha Oriental do que na Ocidental. Como se explica a rejeição do capitalismo por movimentos ambientalistas?

Na Alemanha Oriental, as emissões de dióxido de carbono ajustadas ao PIB eram três vezes mais elevadas do que na Ocidental porque não havia empresas privadas capitalistas na busca do lucro. Os problemas ambientais eram maiores na União Soviética e nos países de leste socialistas.

Se a economia planeada seria uma solução, porque é que, nestes casos, o resultado foi pior do que no capitalismo? Olhando para o índice de *performance* ambiental da Universidade de Yale e comparando os *standards* ambientais, verifica-se que os piores são em países não economicamente livres e que os melhores são nos países com maior liberdade económica. **Parece-lhe que o pagamento de subsídios aos países mais pobres para compensar os efeitos ambientais das emissões das economias mais avançadas é uma boa solução?** Há esta ideia de transferências dos países ricos para os pobres devido à maior destruição ambiental. Claro que, em termos absolutos, as emissões de dióxido de carbono dos Estados Unidos são maiores do que as



dos países africanos, mas a única razão para tal é porque estes países são pobres, falharam na economia e falharam em providenciar à sua população um bom nível de vida. Olhando para a intensidade das emissões, verificamos que estes países pobres estão piores do que os ricos. Nos países capitalistas, nos últimos anos, verificamos um descolamento do crescimento em relação às emissões. Estas transferências não resolvem o problema, tal como os auxílios ao desenvolvimento não ajudaram na luta contra a pobreza. Quando o dinheiro chega a estes países, mais de 80% vai para o bolso de governos corruptos. Tenho ainda outro receio: aqui, na Alemanha, alguns anticapitalistas querem abandonar o paradigma de crescimento. Eu digo-lhes: vão à



Portugal precisa de uma reforma laboral. [...] Tendo leis extremas e irracionais, elas não são cumpridas. Algumas são muito semelhantes ao que se fez na Venezuela nos anos 70”

China para ver quão felizes as pessoas estão por terem escapado à pobreza. No meu livro tenho muitas citações destes anticapitalistas populares cuja ideia, no fundo, quer o assumam quer não, é uma economia planeada. Se a economia planeada nunca resolveu nenhum problema na história da humanidade e causou tantos, porque seria útil para os problemas de agora?

Outra crítica recorrente é o crescimento da desigualdade, à qual contrapõe a queda da pobreza. À medida que a pobreza vai sendo reduzida, como pode o foco virar para a desigualdade?

É uma boa questão e dois conceitos absolutamente distintos que não devem ser confundidos. Olhando de novo para o Vietname, as pessoas são

mais desiguais nos dias de hoje do que nos anos 80 ou 90, mas ninguém lá me disse “voltemos aos anos 80, porque éramos todos mais iguais”. Em 1981, na China, 88% da população vivia em pobreza extrema; actualmente, é menos de 1%. Mas, claro, as pessoas são mais desiguais e o número de multimilionários aumentou. Há agora mais multimilionários em Pequim do que em Nova Iorque. Acho que a desigualdade é um tópico mais para pessoas invejosas, que não se importam tanto com a sua própria situação, mas que invejam as pessoas ricas. Para mim, é muito mais importante pensar na pobreza do que pensar porque é que há multimilionários. O problema dos anticapitalistas é que acreditam num jogo de soma zero, que os ricos só o são porque

tiraram algo aos pobres. Isto está errado. Basta olhar para a China ou para a Alemanha, onde a pessoa mais rica, durante muito tempo, foi o fundador do Aldi, cuja missão era oferecer produtos de qualidade a um preço baixo. Foi assim que ficou rico, não ao roubar ninguém. Olhando para Portugal, gastaram 3,2 mil milhões de euros do Estado na TAP e continua a ser mais caro voar com ela do que na empresa de Richard Branson, que é um multimilionário. As pessoas têm de compreender que não é mau que outros se tornem ricos. Muitas vezes, é o início de uma grande história de desenvolvimento para outros países. Aqui, estou a falar de pessoas que enriqueceram honestamente, como empresários, não o caso de oligarcas russos ou da máfia italiana.

Como avalia a percepção dos portugueses quanto ao sistema capitalista?

No que chamamos, no nosso estudo, índice anticapitalista, poucos países se mostraram mais anticapitalistas do que Portugal. Claro que há associações positivas com o conceito, mas as negativas tiveram mais adesão. Parece-me que Portugal precisa de reformas.

Tais como?

Por exemplo, no mercado laboral. O Governo decreta estas leis mas, olhando para as empresas privadas, elas arranjam formas de as contornar. Tendo leis extremas e irracionais, elas não vão ser cumpridas. Isto é muito danoso. Algumas destas restrições são muito semelhantes ao que se fez na Venezuela, nos anos 70, ou na Argentina. Para que é necessária uma companhia aérea estatal e o que poderia ter sido feito com esses 3,2 mil milhões de euros? Ou com o dinheiro injectado no Novobanco? Isto é dinheiro dos contribuintes. Em Portugal, os impostos são muito elevados. Na Alemanha, também, mas, em Portugal, até para as pessoas mais pobres. Há muito espaço para melhorias. Considerando a história de Portugal, a grande melhoria na qualidade de vida surgiu depois das reformas no final dos anos 80, início dos anos 90. As coisas funcionariam melhor agora se houvesse mais reformas nesse sentido.